

8 fev 81

32

Veja como é a vida no Morro de São Benedito

4507619

Por Ubervalter Coimbra
Fotos de Joaquim Nunes

Distribuição irregular de água e sua total ausência onde ela é mais necessária — na parte mais alta do morro — falta de escola, que só vai até a quarta série do Primeiro Grau, de policiamento, de esgoto e pavimentação.

Estes são os principais problemas enfrentados pela população, em sua maioria migrantes do interior do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, que não tiveram outra opção, a não ser morar em São Benedito, aliás, Morro de São Benedito, cujo acesso é pelo Morro da Penha, na única via pavimentada para o bairro.

OS MIGRANTES

A ocupação de São Benedito começou há vários anos. O espaço foi disputado palmo a palmo morro acima até que hoje o que resta de uma exuberante vegetação tropical é um **capão de mato** (como a população chama um pequeno bosque em cima do morro).

E para lá que foram os migrantes que afugentados do interior pela crônica falta de atenção dos poderes públicos, onde há falta de escolas, habitação, hospitais e sobretudo por não terem — sequer no horizonte — a esperança de possuírem terras.

Eles vieram para a "cidade grande" atraídos pelas falsas promessas de empregos (quando os conseguem são para misero salário mínimo ou subempregos).

OS MORROS

Enquanto existiu morro em Vitória para ser ocupado, para lá foram os migrantes (hoje somente alguns "capões de mato" existem na região, como na área da Fonte Grande e Contorno de Vitória). Foi um tipo de ocupação que dividiu com a tomada do mangue para habitação, a maneira mais fácil de se chegar à posse do lote, embora as condições de vida aí fossem (e continuem sendo) das piores possíveis.

O abandono da periferia, como é o caso de São Benedito, traz gravíssimas consequências para os seus moradores. Eles não têm direito sequer de ganhar um corrimão numa escada que só dá, e mal, para passar uma pessoa.

CARACTERÍSTICA

Sofre a população pela falta de coisas mínimas, ou de mínimo custo, como, dizíamos, um corrimão que aumentaria a segurança das crianças, das gestantes e velhos. Sem contar com os homens, até pela formação cultural, autoconsiderados mais aptos, para o enfrentamento da hostil natureza (que parece não ter previsto habitação para um lugar tão alto e de onde se tem uma das mais amplas e belas visões de todo o município de Vitória e adjacências).



Lata d'água na cabeça, as crianças se arriscam na "escada"

Em São Benedito, o povo quer e a população faz. Foi assim, que, cansados de esperar o cumprimento de promessas da Prefeitura de Vitória, eles próprios, à luz de lâmpioes (sem nenhuma nostalgia) é que abriram o caminho que, somente muito tempo depois, foi pavimentado. E com todo o desleixo possível e imaginável, dificultando o acesso à parte alta do morro, aumentando a inclinação da subida.

O sr. Luiz Deoclécio veio de Linhares. Enxada na mão, ele juntava areia que, colocada em latões, ascendia à parte mais alta do morro: inacessível a qualquer tipo de veículo. Nós abrimos a rua com enxades e enxada e eles não tiveram coragem nem de pavimentar a praçinha. Por mais que a gente cobre da Prefeitura de Vitória, o serviço fica sempre sem ser feito", diz.

A sra. Maria Jose Alves de Araújo veio de Montanha interior do Espírito Santo, há vários anos. Ela acrescenta: "Se a gente quis que o calçamento chegasse aqui teve que abrir a rua com nosso esforço. Os homens trabalhavam à luz de lâmpião e a gente fazia o café. Quem não podia trabalhar pagava o querosene".

Os dois moradores, por sua vez, reclamam: "Caminhão só sobe aqui com dificuldade, pois a pavimentação não foi feita direito. O calçamento tem de ser remodelado. Ele não foi estendido até o grupo escolar, como devia, e isto prejudica os alunos e professores.

Mas estamos falando da parte mais privilegiada do bairro, pois do lado que permite

descortinar a rica Praia do Suá e Zona Sul da área metropolitana de Vitória, falta praticamente tudo. Desde o corrimão da escada até escada, em outros trechos, sem contar com a falta de esgotos. Neste lado, a miséria mora ainda mais ao lado.

A revolta da população é total. Eles pedem que o prefeito de Vitória olhe com mais atenção os problemas do morro (e dos outros morros, pois os favelados não são irmãos só no Carnaval e futebol, mas também na dor). Querem que sejam instalados esgotos ("pois ninguém aguenta a fedentina") disse uma moradora.

Para exemplificar a situação, a sra. Maria José Alves de Araújo, com duas vizinhas suas, chamou o repórter e mostrou um esgoto que saía exatamente em cima da pedra. "Moço, na hora da gente almoçar, tem de fechar a porta. O sol bate e fica um fedor insuportável. Bota isto no jornal", dizia uma moradora.

Eles estão começando a se organizar, para discutirem política e praticamente como encaminhar suas exigências. É certo que o Morro de São Benedito já não é o mesmo: ganhou em uma de suas faces, a norte, o acesso pavimentado e em sua maior parte tem iluminação.

ÁGUA; SOCORRO

Os moradores, sobretudo as mulheres, querem mesmo é água, pois é sobre os seus ombros que sobe o líquido (em doses homeopáticas, pois o esforço é grande) pelas estreitas escadas. E neste esforço ingente,

participam as crianças, esquiladas crianças, filhas de assalariados ou subempregados.

Em determinada parte do Morro de São Benedito, a água chega com regularidade, desde que o bombeiro seja um cidadão que o povo sabe bem o nome. Eles pedem à Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) que deixe este funcionário, que parece ter um espírito dotado de maior justiça, no seu posto. E eles devem fazer este pedido, indicando o nome do funcionário, à própria direção da Cesan.

Mas, na parte mais alta do morro, onde os problemas conseguem ser os mais elevados, é que a água não chega nunca: um chafariz foi construído. E dele nunca jorrou uma gota de água, nem pingueira de chuva.

A solução que os moradores apontam é a construção de uma caixa na parte mais alta, para onde seria bombeada a água. De lá a distribuição seria feita com mais facilidade e regularidade. Este parece ser o sonho de quem, no Morro de São Benedito, carrega água.

ESCOLA

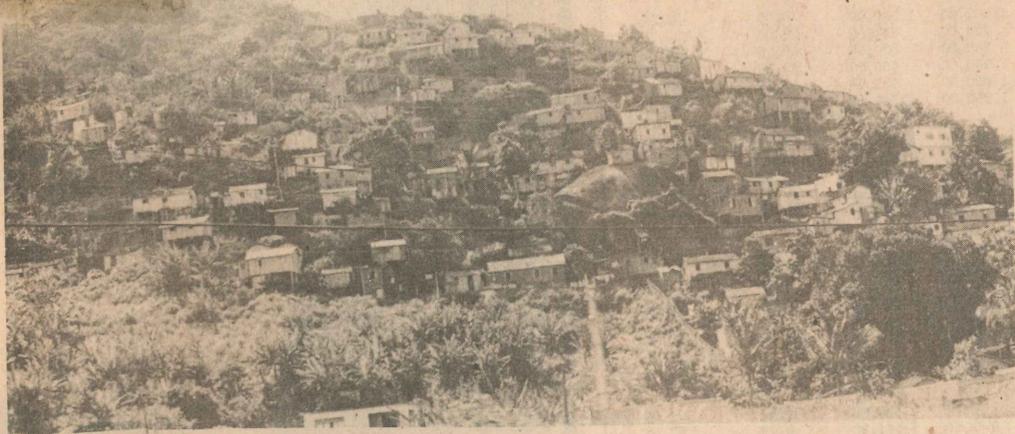
A Escola de Primeiro Grau Paulo Roberto Vieira Gomes ministra instrução até a quarta série. À noite, os adultos podem receber (do sempre acusado de incompetência, o Mobra) as primeiras letras.

A grande reivindicação das crianças do Morro de São Benedito, tanto que parece proteger os moradores contra a ação da gravidade, (que com, certeza coloca em risco a maioria dos miseráveis barracos da região, tamanha a inclinação das pedras e dos próprios barracos), é que a Escola de Primeiro Grau Paulo Roberto Vieira Gomes passe a oferecer ensino até a oitava série. Seria um alívio não ter que descer o morro para estudar as quatro séries finais deste curso, por certo.

Maria Aparecida de Jesus tem 17 anos: veio de Conselheiro Pena e há 15 anos mora em São Benedito. Seu pai veio para a capital "pois lá tinha pouco serviço". Ele é pedreiro, mas mora em casa de tábuas. Ela confirma a origem da população, em sua maioria migrantes. E quer, além de água, escola.

Os moradores reclamam muito da falta de segurança na área. "Os tiroteios são constantes. As mães ficam sem saber se cuidam dos filhos, do fogão ou se buscam refúgio das balas. Os marginais se escondem na mata aqui perto e é uma fuzilaria com a polícia. A situação é grave", afirmam as sras. Maria da Penha Santos e Filomena Souza. E a falta de segurança é confirmada pelo dono de um dos poucos botecoins do lugar: ele amarra os botijões de gás com correntes...

O Morro de São Benedito só perde em altura para o Morro da Fonte Grande ou da Televisão.



Barracos pendurados no Morro de São Benedito